

JOÃO ALEXANDRE BARBOSA

TEORIA LITERÁRIA, CRÍTICA E HISTÓRIA

ESTE ENSAIO DE RENÉ WELLEK ("Literary Theory, Criticism and History" — A reprint of *English Studies Today — Second Series* — Francke Verlag, Bern, 1961) é, antes de mais nada, uma tentativa de fazer abrir os limites das afirmações de um "new critic", enfiadas em um esquema teórico possivelmente muito rígido, assentadas em sua conhecida "Theory of Literature", escrita com Austin Warren. Ou, ainda melhor: é como que uma reabertura da questão, pois aquela sua obra, em edições posteriores à de 1949, passou a conter, no IV e último capítulo, um parágrafo de "Literary History", em que o "new critic" fazia, claramente, concessões à uma perspectiva histórica no estudo da Literatura.

Concessões, entretanto, que não vieram, ou não chegaram, a concretizar um sistema teórico de Literatura, uma vez que não impregnaram o corpo de postulados, configurado nos capítulos anteriores. Inevitavelmente, era visível a dicotomia entre métodos intrínsecos e extrínsecos na elucidação da obra literária. Assim é que os capítulos III e IV da "Theory of Literature" intitulam-se, respectivamente, "A aproximação extrínseca ao estudo da Literatura" e "O estudo intrínseco da Literatura".

Além de não podermos entender a omissão de alguns problemas essenciais dentro do que o autor chamou de "estudo intrínseco da Literatura" — como, por exemplo, o sentido da alegoria na arte literária, que teve em Edwin Honig o seu primeiro grande intérprete, na moderna crítica de língua inglesa, em "Dark Conceit" (The Making of Allegory) — pareceu-nos sempre insuficiente e mutiladora, ou parcial, a abordagem assim

teórica, incrustada em uma rigorosa posição de "close reading" que, desde os anos quarenta, vem sendo a afirmação crucial dos "new critics".

E, neste ensaio, Wellek procura, de maneira mais convincente de que na "Theory of Literature", chamar a atenção para o que, naquela obra, quiz êle transmitir de modo especial (a fim de neutralizar os efeitos parciais dos demais capítulos, está claro): "uma colaboração entre as três disciplinas do estudo literário", isto é, Teoria, Crítica e História.

Partindo da afirmação de que, em certo sentido, o debate em torno das três disciplinas, ou "main branches of literary study", tem sido puramente verbal, exemplifica chamando a atenção para a preferência, em língua inglesa, da expressão "literary theory", no lugar de uma tradução literal da expressão alemã "Literaturwissenschaft" pois a palavra "science" tem uma acepção comprometida com as ciências naturais. Assim também, se deve preferir "literary theory" à "poetics" pois, no inglês, esta última palavra não encerra as dimensões da alemã "Dichtung", antes referindo-se ao verso, unicamente.

Em seguida, afirma a especificidade do trabalho crítico, deslindando-o de uma possível mistificação, desde que inferiorizado diante do trabalho artístico. Anglo-saxonicamente (e David Daiches é outro excelente exemplo desta tendência) arraigada à idéia de uma caracterização da Literatura através do seu caráter imaginativo ou ficcional, afirma: "I do not believe that the critic is an artist or that criticism is an art (...). Its aim is intellectual cognition. It does not create

a fictional imaginative world such as the world of music or poetry: criticism is conceptual knowledge about literature, at literary theory" (p. 55).

Neste sentido, refere a "Polemical Introduction", escrita por Northrop Frye, em sua obra "Anatomy of Criticism", — "a work of literary theory which has been praised as the greatest book of criticism since Matthew Arnold", diz Wellek —, especialmente no que diz respeito à afirmação de Frye de que "criticism is a structure of thought and knowledge existing in its own right". Plenamente de acordo com esta primeira asserção, não pode Wellek aceitar a redução lógica do pensamento de Northrop Frye, desde que este erige a Teoria Literária como única forma possível para um pensamento acerca da Literatura, afastando a "crítica do gosto" de um Sainte-Beuve ou de um Eliot por desprezar qualquer modo de crítica que — para o mesmo Frye — viria a radicar antes em uma exigência de público do que na elaboração interior de uma visão estrutural da obra literária. Do ponto-de-vista de René Wellek, a posição de Northrop Frye seria ir além do primitivo "close reading" do "New Criticism": mas um ultrapassar *apenas teoricamente* que levaria, evidentemente, a uma interna contradição do trabalho crítico, na medida em que este desatenda às obras concretas que informam a Teoria Literária e que, por sua vez, são clarificadas por ela. Deste modo, não pode estar de acordo com a afirmação de que "as the history of taste has no organic connection with criticism, it can be easily separated". Invocando a sua experiência pessoal de historiador da Crítica Literária ("A History of Modern Criticism"), Wellek insiste no postulado de que as teorias literárias se suportam sobre obras concretas, lembrando que "the literary opinions, rankings and judgments of a critic are buttressed, confirmed, developed by his theories, and the theories are drawn from, supported, illustrated, made concrete and plausible by works of art" (p. 56).

Por outro lado, anota que, na década de 40, no clímax portanto das posições assumidas pelo New Criticism, a "historical scholarship" esteve na defensiva e chega a confessar que a sua — e de Warren — "Theory of Literature"

era um ataque dirigido contra os excessos de formadores a que havia levado a aplicação indiscriminada e parcial dos "métodos extrínsecos". Entretanto — observa — agora a situação inverteu-se e a Crítica e a Teoria Literária encontram-se "doubted and rejected" (p. 56), enquanto ganha corpo, ou se conforma, uma nova ordem de historicismo, empenhado em "absorb all literary study into history" (p. 56). Ao mesmo tempo, então, que faz a defesa de um "new critic" como Cleanth Brooks que, partindo do "close reading", chegou à compreensão de que "words have their history; genres and devices descend from a tradition; poems often refer to contemporary realities" (p. 57), não pode aceitar nem o historicismo retórico de Miss Rosemond Tuve, em sua interpretação de Milton, nem o relativismo histórico do grupo que, partindo de Dilthey, Windelband, Rickert, Max Weber, Troeltsch, Meineck e Croce, intenta a instauração de um novo historicismo literário, como sugere o título do ensaio de Roy Harvey Pearce: "Historicism Once More". Lembrando a tendência relativista que se afirma a partir de uma "sociologia do conhecimento" (elaborada, em especial, por Karl Mannheim em "Ideologie und Utopie"), Wellek procura deixar bem claro que "literary study differs from historical study in having to deal not with documents but with monuments" (p. 61). Como isto quer o autor significar — se bem o entendemos — que o objeto do estudo literário, a obra, está diretamente referida ao estudante, sendo "not only value-impregnated, but (...) a structure of values" (p. 62). Assim sendo, seria tão desastrosa a aceitação de um "extreme relativism" — que Wellek constata mesmo em Erich Auerbach —, quanto a de um absolutismo nos moldes da "old vicious maxim": De gustibus non est disputandum.

Conduzido até aí por uma extrema clareza, René Wellek parece evitar uma resposta, ou conclusão, definitiva ao problema principal de sua posição diante da Literatura, quando deixa vaga a afirmação de que "the only truthful and right thing to do is to make this judgment as objective as possible, to do what every scientist and scholar does: to isolate

his object, in our case, the literary work of art, to contemplate it intently, to analyse, to interpret and finally to evaluate it by criteria derived from, verified by, buttressed by, as wide a knowledge, as close an observation, as keen a sensibility, as honest a judgment as we can command" (p. 63).

Ou mesmo quando encerra o seu ensaio com uma tirada melancolicamente retórica, inconsistente e sentimentalizante: "Ultimately, literature, like the plastic arts, like Malraux's voices of silence, is a chorus of voices — articulate throughout the ages — which asserts man's defiance of time and destiny, his victory over impermanence, relativity and history" (p. 65).

Dêste ensaio, atrás sintetizado, vamos inferir o que segue:

a) o ensaio crítico e histórico, assentado, sem dúvida, sobre uma base teórica, deve corresponder, contudo, a uma realidade objetiva que se concretiza do ponto-de-vista do investigador, enquanto participante de uma "história" e que, por isso, qualquer tentativa de parcializar a sua apreensão de seus símbolos artísticos, que é o nosso caso, incide também em uma sua desumanização porque o isola de um vitalizante contexto histórico-social e cultural;

b) neste sentido, a tentativa de elucidação de Wellek é — assim, pelo menos, me parece — estrangulada interiormente porque a sua perspectiva é antes a de uma "literatura comparada" (que se confirma pelo último trecho do livro já transcrito) que, vencendo as

fronteiras linguísticas, possa permitir o "museu imaginário" de Malraux (p. 65). Esta sua teorização não é gratuita, mas vem responder à sua situação de crítico norte-americano, vale dizer, de crítico em um país onde, somente depois da Segunda Guerra Mundial, os "filósofos literários" existencialistas assumiram uma atualidade (leia-se, para o caso, o ensaio de Henry Aiken: "The Fate of Philosophy in the Twentieth Century" in "The Kenyon Review" — Spring 1962 — vol. XXIV N.º 2). Pois, de outro modo, não se explicaria o desconhecimento de uma posição que, sendo contrária a uma compreensão da obra literária como simples documento, envolve a posição do investigador como intérprete situado de uma comunidade. Assim sendo, o interesse pela História Literária poderia ser entendido como aquela "experiência concreta pelo passado", a que se refere Lucien Goldmann, em "Les Sciences Humaines et la Philosophie";

c) finalmente, a abertura fenomenológica da obra literária possibilita a sua apreensão, quer crítica, quer histórica, desde que se a passe a ver como um "objeto significante", para usar da terminologia de Antônio José Saraiva, em tese ao II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. Dêste modo, o que me parece básico afirmar, é que o pensamento de Wellek se inibe na medida em que — aceitando o convencionalismo da literatura imaginativa e reduzindo a sua análise à uma dimensão de "literatura comparada" — responde às pressões de um pensamento crítico tradicionalmente aferrado em ser ou ultrapassar o "close reading" mas não em desprezá-lo, ao erguer uma nova Teoria da Literatura.